



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante  
celebração do Natal dos catadores e da população em situação de rua**

**São Paulo-SP, 23 de dezembro de 2009**

Eu penso que é um pouco de direito as pessoas já estarem irrequietas e inquietas, porque já é uma e meia da tarde.

Mas eu queria começar cumprimentando o nosso querido companheiro dom Odilo Scherer, cardeal arcebispo de São Paulo,

Os meus companheiros ministros: o Pimentel, da Previdência Social; o Patrus Ananias, do Desenvolvimento Social; o Marcio Fortes, das Cidades; o Luiz Dulci, da Secretaria-Geral; o Paulo Vannuchi, dos Direitos Humanos, que será coordenador,

O Suplicy,

O nosso senador Aloizio Mercadante,

O senador Suplicy,

Os deputados federais Carlos Zarattini, Paulo Teixeira e Ricardo Berzoini,

O nosso querido companheiro padre Júlio Lancelotti,

O nosso querido companheiro Antônio Vila Real Torres, prefeito de Novo Horizonte, na pessoa de quem saúdo os demais prefeitos aqui presentes,

Quero cumprimentar a irmã Cristina Bove, coordenadora nacional da Pastoral de Rua da CNBB,

A nossa querida companheira Anita,

Quero cumprimentar o Anderson,

Quero cumprimentar o Donizete,

E eu quero cumprimentar a Maria Lúcia Silva e o senhor Walter Santana, representantes do Movimento da População de Rua,

Cumprimentar a Olinda Pedro da Silva e José Cardoso, representantes



do Movimento dos Catadores de Rua,

E quero cumprimentar o nosso querido companheiro Alderon Pereira da Costa, representante do fórum das organizações que trabalham com a população de rua de São Paulo,

Quero cumprimentar a nossa querida imprensa, que deve estar com tanta fome quanto nós. Eu falei “querida imprensa” porque eu fui na feira do artesanato e eu sugeri à imprensa que fizesse entrevistas com as pessoas no anonimato, e tomei um cacete, como se eu estivesse me intrometendo na imprensa. Eu, apenas, pela minha experiência de tantos anos lidando com a imprensa, eu achava que era importante que os jornalistas adentrassem a alma dessas pessoas que vivem no anonimato, nas grandes cidades brasileiras, só para a gente descobrir que, muitas vezes, uma pessoa que está deitada na calçada tem tanta inteligência quanto uma pessoa que está olhando ela deitada na calçada ou, às vezes, mais. E nós sempre precisamos estar preocupados em descobrir quais as razões e quais as causas que levaram aquela pessoa a fazer aquela opção. É muito fácil a gente, de forma pejorativa, dizer que é um louco, dizer que é um mendigo, dizer que é um lúmpen, quando seria mais digno a gente dizer: “É um companheiro nosso, que talvez não tenha tido a mesma oportunidade que outros tiveram”.

Bem, hoje eu vou ler o meu discurso porque, ultimamente, eu tenho exagerado nos improvisos e eu vou perdendo a conta do tempo. E o tempo, para um presidente da República, vale ouro porque eu tenho muitas reuniões, até hoje, e a dona Marisa está com um cartão vermelho para mim já há uns 20 dias, e eu não posso ser expulso justamente na véspera do Natal, quando a gente precisa mais de carinho e de chamego, eu não posso tomar um cartão vermelho, então...

Mas, olhem, primeiro, meu querido companheiro padre Júlio, queridos companheiros da Direção dos Catadores do Brasil, queridos companheiros e companheiras cidadãos brasileiros que moram nas ruas deste país e desta



cidade, dizer para vocês da minha alegria de estar completando sete anos de governo e completando o meu sétimo encontro com vocês. Tem mais um encontro no ano que vem.

Esse compromisso, meu querido companheiro Júlio, é marcado por um sentimento de comunhão humana e de solidariedade política que resume o caráter social do nosso governo, e é a motivação política maior da nossa luta. Um governo tem a obrigação de dividir a sua atenção com toda a sociedade, como temos feito ao longo do primeiro e do segundo mandato nosso.

Todos aqui, porém... todos aqui sabem que este governo tem a sua atenção voltada permanentemente para os segmentos mais humildes da sociedade. Eu duvido que já tenha tido, em algum momento da história deste país, não um presidente, mas um governo que tivesse o compromisso e a relação mais forte que nós temos com os movimentos sociais deste país.

Hoje nós vamos dar mais um passo e um salto institucional nesta caminhada. Eu queria lembrar aqui, porque quando estava anunciando, o pessoal parece torcida do Corinthians quando a gente está ganhando de um a zero, o pessoal faz um burburinho, que a gente não consegue ouvir nem que é que fez o gol.

É o seguinte: primeiro, o governo decidiu incorporar, definitivamente, a atividade dos catadores ao sistema produtivo do País, reconhecendo o seu papel decisivo na indústria da reciclagem. A partir de agora, será concedido um incentivo fiscal – na forma de um crédito de IPI – para benefício exclusivo das indústrias que comprarem material reciclável direto das cooperativas de catadores de rua, em todo o Brasil.

Bem, decidimos também instituir uma Política Nacional para a População em Situação de Rua. E ela será centralizada por um comitê intersetorial, composto de representantes da sociedade civil, ao lado de oito ministros do governo: Ministério da Justiça, Ministério da Saúde, Ministério da Educação, Ministério do Trabalho, Ministério do Esporte, Ministério das



Cidades, Ministério da Cultura e Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. E a Secretaria Especial dos Direitos Humanos, já transformada em Ministério – que é ligada diretamente a mim –, será a coordenadora dessa nova lógica para os nossos companheiros moradores de rua.

Veja, nós estamos assumindo alguns compromissos, que precisa uma combinação entre nós. É preciso que as denúncias sejam feitas no ato, para que a gente possa fazer uma intervenção também no ato. Caberá a essa Política Nacional garantir a promoção dos direitos humanos, bem como a dos direitos civis, políticos, econômicos e sociais da população brasileira que vive na rua.

Terceiro: além disso, estamos oficializando aqui a destinação de imóveis da União em São Paulo, para moradia popular. Na verdade, acho que o Marcio deu dois prédios, é isso, Marcio? Foram dois? Não. Foram dois, de um lote de 25 prédios da União que tem aqui, para que a gente possa fazer a repartição, no valor de R\$ 20 milhões, que nós queremos consagrar isso. Todos eles terão que ser reformados, adequados e destinados à moradia popular, nas áreas centrais das grandes cidades brasileiras.

Minha querida Alexandra,

Ontem eu fui à favela de Manguinhos e fui ao Complexo do Alemão visitar as obras que nós estamos fazendo lá. E, na volta, eu passei... Na volta, eu vinha pelo porto do Rio de Janeiro, passei ali e vi uma quantidade de prédios públicos, armazéns, totalmente abandonados, quebrados, desmontados. Não tem nenhum sentido racional aquilo continuar servindo apenas para rato, barata, morcego, quando a gente pode transformar aquilo numa área de moradia.

Nós vamos ter, querida Alexandra, vamos ter que pegar o Marcio, ter que pegar o Paulo Bernardo, ter que pegar a Inês, ter que pegar a quem de direito mas, sobretudo, o Paulo Bernardo, e nós vamos ter que, a partir do



começo do ano, montar um mutirão que vai ter como primeira e única prioridade a gente resolver esses Próprios Públicos, que nós precisamos fazer a doação deles rapidamente.

Não, não pode. Eu voltei, Alexandra, convencido de que não tem explicação, nem para a minha consciência e para ninguém, por mais que sejam favoráveis ao governo, por que aqueles prédios estão lá, totalmente quebrados, sem que a gente dê uma utilização pública, em um espaço público, que não servem para nada. A gente pode fazer apartamentos, a gente pode fazer casas, a gente pode construir qualquer coisa! E mesmo nos apartamentos – viu, Marcio? – mesmo nos apartamentos, nos prédios, é importante que a nossa engenharia estude, porque às vezes é melhor derrubar e fazer uma coisa nova, do que a gente tentar remendar para casa um prédio que foi feito para escritório.

Quem já teve experiência de fazer reforma, sabe que o barato fica caro. Às vezes, a gente pensa que uma reforma vai ficar mais barata, e basta a gente derrubar a primeira parede, mexer no primeiro encanamento, ou mexer no primeiro fio, ou levantar a primeira lajota, que a gente vai descobrir que talvez fosse melhor a gente implodir e construir uma coisa totalmente adequada para moradia.

Eu estou dizendo isso porque aqui, o companheiro Donizete, se não me falha a memória, falou do terreno que a Alexandra conseguiu desobstruir, lá em Brasília, para construir casas para seis mil pessoas, e que até agora não aconteceu nada, porque a Caixa Econômica tem que cumprir com o seu ritual.

Ora, eu falei para a Alexandra: na próxima semana estaremos em Brasília, na segunda-feira eu já tenho uma reunião com o Paulo Bernardo, nós vamos ter que chamar a Caixa Econômica Federal, para saber por que está demorando a gente pegar o Programa Minha Casa, Minha Vida, adequar qualquer coisa, e tentar construir as casas que nós precisamos construir. Se não tiver jeito, pelo menos nós temos que discutir, chegar aqui e dizer para o



peço: “A gente não tem dinheiro este ano, vamos fazer no ano que vem. Ou, a gente não tem no ano que vem, vamos fazer daqui a dois anos”. Mas o que não dá é a gente dizer: “Olha, tem uma burocracia em tal lugar, tem uma burocracia em tal lugar”, porque essa é nossa função: desobstruir essa burocracia que foi feita para que a máquina não funcione. Esse é o dado concreto e objetivo.

Bem, e nós sabemos, é verdade, que tem um problema político nisso, nós sabemos que tem um problema político. Tem uma parte da sociedade que não quer que vocês morem no centro. Vamos... É o seguinte, neste país é assim: todo mundo quer feira, mas ninguém quer feira na porta de casa; todo mundo quer ponto de ônibus, mas ninguém quer ponto de ônibus na porta de casa; todo mundo quer delegacia, mas ninguém quer delegacia na sua cidade. Prisão, então, é que ninguém quer mesmo, não é isso? Ninguém quer. Pobre, é bom para a gente ver em filme, a gente não os quer morando no prédio em que a gente mora.

Então, nós sabemos que é um desafio. Eu sei de um caso que houve em Porto Alegre, que houve uma celeuma com uns moradores perto de um prédio, porque a população de rua foi ocupar um prédio ali no centro de Porto Alegre, já reformado, feitos os apartamentos.

Mas essa é uma briga política boa. É uma briga política que vale a pena a gente convencer as pessoas que todos nós somos iguais perante a Lei, independentemente da nossa razão social, independentemente da nossa cor, da nossa religião ou do time que nós torcemos. E se esse negócio de time valer, a gente pode morar em tudo quanto é prédio porque, na maioria, eu sei que está cheio de corintiano, que a gente pode...

Bem, mas, Alexandra, eu queria ponderar, porque é mais fácil a gente falar aqui e mais difícil a gente concretizar depois. Eu tenho mais um ano de mandato, e eu sei que foram difíceis os primeiros anos. Primeiro, tem todo um aprendizado, de aprender a mexer naquela máquina, cada estado tem uma



coisa, cada um tem um interesse, os cartórios têm um interesse, os juízes têm outro, advogados têm outro, ou seja, há uma teia de aranha para complicar que as coisas aconteçam.

Mas eu queria te pedir o seguinte: eu sei que não é só sua a responsabilidade, mas eu queria que nós, nesses próximos três ou quatro meses... tire as suas férias, descanse uns 15 dias, que todo mundo tem direito de descansar uns 15 dias, porque o ano que vem será “pauleira”. Então, eu queria que a gente dedicasse dois meses e meio para que a gente desvendasse todos os mistérios.

A Alexandra é prova: em 2003, 2004... não, você entrou em dois mil e... Você entrou quando? Em novembro de 2003. Vocês sabem, eu morei na Vila Carioca. Quem conhece a Vila Carioca, eu morei na Vila Carioca muito tempo. Eu morava na frente daquele prédio do IBC. Tem a Presidente Wilson, tem o IBC, tem a Rua Auriverde, 1156, que era onde eu morava, a casa existe hoje, lá. Tinha um barzinho do lado, que era onde eu tomava meu “rabinho de galo”, quando eu podia beber.

E eu, desde que eu assumi a Presidência, eu tenho uma vontade maluca de pegar aquele prédio do ABC [IBC], aquele armazém do IBC, ele tem 250 metros de comprimento, mais 250 metros de largura, ou seja, é... acho que dá dez vezes isso aqui. E eu sonhava fazer ali uma área de lazer para o pessoal da Vila Carioca, fazer um conjunto habitacional, fazer qualquer coisa. Aí, nós descobrimos que a Justiça, a Justiça está utilizando aquilo para guardar papel velho, para guardar carro velho, ou seja, para guardar a sucata deles, quando aquilo é um patrimônio da União e nós precisamos daquilo para fazer alguma coisa ou, pelo menos, derrubar e fazer casas. Alguma coisa nós vamos ter que fazer.

Então, Alexandra é um pedido para que você monte uma equipe e a gente dedique três meses e meio para a gente priorizar, realmente, para apresentar, não no ano que vem, mas no meio desse próximo ano, antes de



começar a legislação eleitoral, uma proposta mais concreta do material que a gente tem disponível para a gente ajudar esse pessoal.

Porque, diferentemente de um cidadão que trabalha em uma fábrica, o morador de rua, ele não pode morar muito longe de onde está o seu local de trabalho, porque se ele for morar a 30 quilômetros e tiver que pegar ônibus, quando ele chegar de manhã, como não tem cartão (incompreensível) ele ficar, alguém pegou o lugar dele. Então, é importante que ele esteja mais ou menos próximo de onde está o seu ganha-pão. Então, eu acho que nós podemos fazer esse levantamento, Alexandra, no Brasil inteiro. E eu acho que a gente tem que dedicar, porque nós não sabemos o que pode acontecer neste país.

Bem, uma outra coisa que eu considero importante, companheiros – e vou parar de ler o meu discurso – eu queria apenas dizer uma coisa que eu considero importante. Nós temos por volta de 50 a 60 mil pessoas, talvez, morando em rua, em todo o Brasil. Nós não temos dados do IBGE, portanto, nós não sabemos. Tem uma pesquisa feita pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Mas é preciso que a gente tenha uma pesquisa com uma certa respeitabilidade científica, para que a gente não fique citando e chutando números. Então, o IBGE vai assumir esse compromisso de fazer essa pesquisa.

Bem, e as pessoas vivem na rua como se fossem invisíveis, do ponto de vista das políticas públicas. Vamos ver o caso de um companheiro aqui, chamado Anderson Miranda. Está aí o Anderson? Anderson Miranda. Está aqui o Anderson. O Anderson morou por 15 anos na rua, não foram 15 dias, foram 15 anos. E hoje é uma das lideranças nacionais desse movimento. Esse companheiro viveu metade dos seus 31 anos dele na rua. É como se ele tivesse morado fora do Brasil, fosse um perseguido político. E ele deu a volta por cima. Hoje, o “bichim” já casou, o “bichim” casou com a Janaína, já tem um emprego, tem um lar, tem duas filhinhas lindas, a Maria Beatriz e a Maria Clara. Já está bom no microfone, já apresenta. Logo, logo, os artistas vão estar





implorando para ele não competir com eles.

Bem, e isso, eu percebi na fala do pessoal aqui a evolução extraordinária, Júlio, a evolução extraordinária. Eu acho, Júlio, que a gente poderia dar um salto de qualidade. Hoje, eu ouvi uma coisa aqui que eu não tinha ouvido nas outras vezes que eu vim aqui, e foi o motivo que eu vinha conversando com o Patrus, ontem à noite nós conversamos, que era o seguinte: tem apenas a reivindicação do pessoal dos Sem Teto, que era para utilizar os prédios públicos. Mas, nas outras vezes que eu vim aqui, essa questão da moradia não tinha ficado forte, ou seja, dava a impressão que os companheiros que moram na rua não queriam resolver o problema de casa. Eu falei: “Patrus, nós não temos nenhuma reivindicação pedindo casa para os moradores de rua”.

Então, eu queria, Júlio, que a gente preparasse o seguinte: veja, o Brasil está numa situação razoável, está numa situação boa. Nós temos um programa de 1 milhão de casas. Quem faz 1 milhão pode fazer 1,110 milhão, pode fazer 1,120 milhão, pode fazer 1,130 milhão. E todo mundo sabe que na casa de pobre é assim. Na casa de rico, você chega dez horas da noite, não tem nem sopa mais. Mas na casa de pobre, você chegar, pode ficar certo que onde come um, come dez, é só botar água no feijão, botar mais água na gordura, meter batata e come. Se tem uma coisa que pobre tem orgulho é de atender bem as pessoas que vão na casa dele. Pobre não costuma esconder embaixo do fogão para ninguém ver, não. Se tiver, coloca na mesa. Se não tiver arroz, mete farinha. Se não tiver farinha, faz arroz. Ou seja, se não tiver carne, come ovo.

Bom, de qualquer forma, eu acho que era importante, companheiro, que a gente preparasse, não para o ano que vem, mas para esse ano ainda, Inês, que a gente preparasse as necessidades habitacionais da população de rua, nas principais capitais deste país. Que a gente tentasse preparar para que a gente pudesse apresentar um projeto específico para atender os moradores de



rua, ou com a utilização de prédios públicos que podem ser disponibilizados... Eu tenho certeza que alguns governadores de estado estariam dispostos a contribuir com a gente, se eles tiverem terreno, eu tenho certeza que algumas prefeituras teriam disposição de contribuir com a gente. Porque casa, na capital, o que é grave é o preço do terreno. Mas eu tenho certeza que tem muita gente... Tem alguns prefeitos que não vão contribuir, sabe?

Então, eu queria que a gente preparasse... Nós vamos apresentar um PAC 2011-2015, e é preciso que tudo aquilo que a gente não conseguiu fazer, que a gente deixasse preparado, ou para a gente começar a fazer já no ano que vem, ou para que a gente deixasse preparado para ser aprovado no PAC que vai ser feito, de 2011 a 2015, e a gente voltar aqui, todo ano, para esses encontros, e a gente todo ano ter uma coisa nova para a gente reivindicar, para dar uma demonstração na evolução da melhoria da qualidade de vida das nossas pessoas.

Eu acho que nós temos condições de fazer isso. E não sei se vocês vão ter feira este ano, para a gente poder assumir e concretizar esses compromissos, não precisaria esperar até dezembro do ano que vem. Porque, quando eu vier aqui, em dezembro do ano que vem, já tem uma outra pessoa eleita, eu já sou rei posto, e rei posto não pode mais fazer promessa, não. Ou eu faço agora, que eu posso cumprir, ou não dá para fazer depois. De qualquer forma, de qualquer forma, se for quem eu penso que vai ser, nós podemos trazer junto aqui, para fazer promessas. Mas vocês já estão tão organizados que quem entrar aí vai ter que respeitar.

A segunda coisa é que na política nacional que nós estamos criando, nós vamos começar pela implantação, Júlio, de um Centro Nacional de Referência em Direitos Humanos para a População de Rua, com ramificação em todo o território nacional. Significa o quê? Significa que vai ter um local, em cada estado brasileiro, em cada capital, que quando acontecer um desrespeito aos direitos humanos, vocês não vão ter que ficar mais como baratas tontas,



não. Vocês vão ter um centro de referência, em que vocês podem ir ali, localizar um companheiro para ajudar vocês.

Bem, dito isso, companheiros, eu quero dizer para vocês o seguinte: desde 2007, nós já fizemos investimentos aqui, com vocês, de R\$ 182 milhões para treinamento e estruturação das cooperativas de catadores de papel. Nós já anunciamos, lá na cooperativa, aquele dia, que o BNDES vai colocar mais 225 milhões para ampliar e modernizar a integração dessa atividade. Vocês viram o apelo que eu fiz para o prefeito, naquele dia. Eu vou fazer um apelo para os prefeitos outra vez: pelo amor de Deus, aos companheiros prefeitos deste país, em vez de darem a “catança” para um empresário, e ele ficar rico sozinho, vamos dar a “catança” para os catadores, para que todo mundo tenha o direito de comer.

E podem ficar certos de uma coisa, companheiros, podem ficar certos de uma coisa: não tem forninho, não tem fonalha, não tem nada, ninguém vai fazer aqui aterro sanitário, ou, quem sabe – como que é o outro nome? – incineração, em prejuízo do ganha-pão de vocês. Nós vamos ficar atentos para que a gente possa não permitir que seja passada alguma lei que venha a trazer prejuízo a quem foi humilhado tanto tempo e que hoje tem orgulho até de poder andar com um carrinho elétrico nas ruas, sem precisar ficar puxando, como vocês puxam hoje.

Por isso, companheiros e companheiras, eu quero dizer a todos vocês que nós estamos chegando ao final do nosso governo. Eu sei que ainda tem muita coisa para fazer, eu sei que nós já fizemos muita coisa. E eu sou uma pessoa convencida de que não existe limite para reivindicação.

Eu tenho consciência que cada coisa que vocês conquistarem não dará lugar ao esquecimento de vocês reivindicarem outra coisa. Quem ganha um tostão quer ganhar dois tostões, quem ganha dois quer ganhar três, quem ganha três quer ganhar quatro. Só não pode o cara arrumar namorada e querer ter duas. Namorada, é uma só. Agora, a gente sabe que é da própria vida



humana a gente ir conquistando as coisas e cada vez a gente querer conquistar mais coisas.

Por isso, eu queria pedir para vocês: esse pessoal que está aqui são amigos de vocês. Vocês sabem que chegou em Brasília o Patrus, o Dulci, o Pimentel, o companheiro Gilberto Carvalho, que é a minha cara-metade lá dentro do gabinete, não falta, em nenhum minuto, de atender vocês, ouvir, discutir e tratar vocês com o carinho que vocês merecem.

Então, vocês têm que aproveitar esse momento, que falta um ano... E, por favor, não tenham medo do peso da caneta. Vamos fazer um levantamento, um pente fino das nossas necessidades, para a gente colocar no papel, para ver se a gente, em um espaço mais curto possível, a gente pode atender (falha no áudio) as demandas, o máximo possível das demandas de vocês.

Este é um compromisso da minha equipe, é um compromisso nosso, e nós faremos isso porque quando terminar o nosso mandato, quando terminar o (incompreensível), eu vou dizer uma coisa para vocês: eu nunca, nunca, nunca esqueço que quando eu terminar o meu mandato, quem eu vou chamar de companheiros são vocês. Quem eu sei que vou encontrar são vocês.

Então, quando... E eu não faço isso por bondade, não. Eu faço isso porque isso está no meu sangue, isso está nas minhas entranhas, eu sei de onde eu vim, eu sei para onde eu vou voltar. Na hora que eu terminar o meu mandato, eu sei o tamanho que eu sou.

Então, o que vale para nós, na verdade, na verdade, o grande legado que eu quero ter na vida, quando deixar a Presidência, é dizer o seguinte: Eu, durante todo o meu mandato, tratei trabalhadores, tratei os catadores, os sem teto, os sem terra, a classe média, intelectuais, jornalistas, pequenos e médios empresários, eu tratei todos com respeito, porque respeito é bom, a gente dá e a gente exige que a gente seja respeitado.

Por isso... Fala no microfone.



\_\_\_\_\_: Feliz Natal.

**Presidente:** Feliz. Então, ela veio lembrar aqui que está na hora de eu parar de falar. Então, eu queria, padre Júlio, eu queria, nosso querido cardeal, nossos queridos ministros – vocês vão voltar para os seus estados agora –, companheiros que apoiam o movimento e companheiros do movimento, eu queria desejar para vocês um Natal extraordinário.

O Natal não é medido pelo presente que a gente ganha. Eu, o primeiro presente que eu ganhei na vida foi com 18 anos, quando eu mesmo comprei, uma bola que não era de câmara, naquele tempo a gente chamava de “bola de capotão”, era uma bola de borracha, que furou logo, no primeiro espinho que ela bateu. Depois, o meu segundo presente foi uma bicicleta velha que eu perdia mais tempo trocando a corrente da desgraçada do que andando na bicicleta.

O Natal não é importante pela fantasia do consumo. O Natal, na verdade, é o momento de a gente juntar a família da gente e a gente consagrar a estrutura familiar da gente. É pai conversar com filho, é filho respeitar pai e respeitar mãe. É a gente viver em comunhão no dia sagrado em que nasceu o Menino Jesus.

Então, eu queria dizer para vocês, de coração: que vocês possam ter um Natal com a família de vocês, que vocês possam fazer a confraternização. Ninguém precisa gastar dinheiro para fazer confraternização. Não tem nada mais valioso do que um abraço e um beijo nas pessoas que a gente gosta.

Feliz Natal para todos vocês. E que Deus abençoe a todos.

(\$211A)



**Presidência da República  
Secretaria de Imprensa  
Discurso do Presidente da República**

---